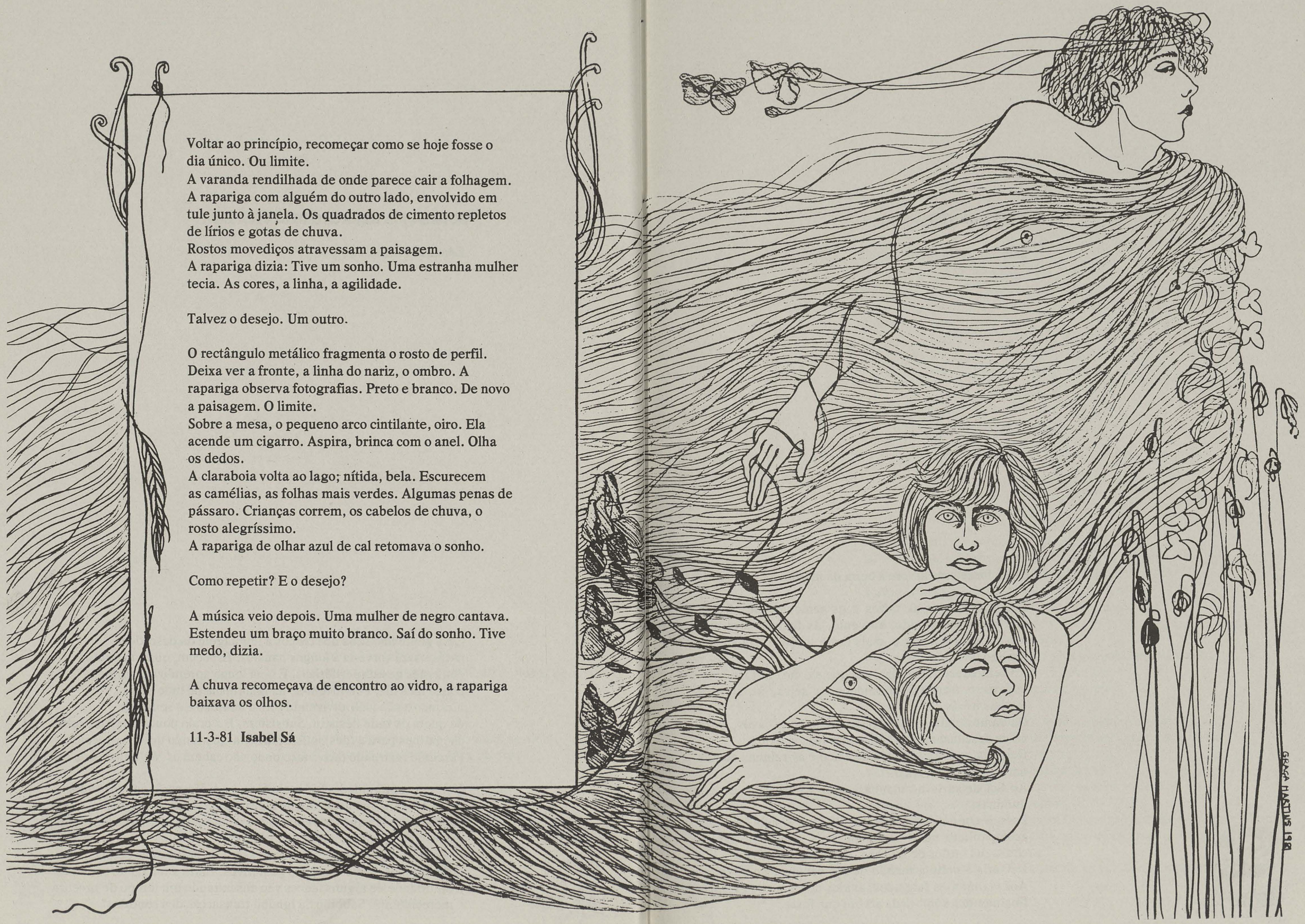
Voltar ao princípio, recomeçar como se hoje fosse o dia único. Ou limite.
A varanda rendilhada de onde parece cair a folhagem. A rapariga com alguém do outro lado, envolvido em tule junto à janela. Os quadrados de cimento repletos de lírios e gotas de chuva.
Rostos movediços atravessam a paisagem.
A rapariga dizia: Tive um sonho. Uma estranha mulher tecia. As cores, a linha, a agilidade.

Talvez o desejo. Um outro.

O rectângulo metálico fragmenta o rosto de perfil. Deixa ver a fronte, a linha do nariz, o ombro. A rapariga observa fotografias. Preto e branco. De novo a paisagem. O limite.
Sobre a mesa, o pequeno arco cintilante, oiro. Ela acende um cigarro. Aspira, brinca com o anel. Olha os dedos.
A claraboia volta ao lago; nítida, bela. Escurecem as camélias, as folhas mais verdes. Algumas penas de pássaro. Crianças correm, os cabelos de chuva, o rosto alegríssimo.
A rapariga de olhar azul de cal retomava o sonho.

Como repetir? E o desejo?

A música veio depois. Uma mulher de negro cantava. Estendeu um braço muito branco. Saí do sonho. Tive medo, dizia.

A chuva recomeçava de encontro ao vidro, a rapariga baixava os olhos.

11-3-81 **Isabel Sá**